

Cultura, tempo e linguagem: um ensaio sobre o filme A Chegada (2016) a partir de debates antropológicos do século XX

Victor Pimentel Ferreira

Mestrando em Sociologia e Antropologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro

<https://orcid.org/0000-0002-5205-0240>

victor.pimentelferreira@gmail.com

Vieram os deuses de outras galáxias

Ou de um planeta de possibilidades impossíveis

(Errare Humanum Est, Jorge Ben Jor)

With your mind you have ability to form

And transmit thought energy far beyond the norm

You close your eyes, you concentrate

Together that's the way

To send the message

We declare World Contact Day

(Calling Occupants of Interplanetary Craft, The Carpenters)

Os alienígenas chegaram — e agora?¹

Como poderia o espectador desavisado imaginar que “A Chegada” trataria, fundamentalmente, da complexa relação entre cultura, linguagem e tempo? À primeira vista, a produção do diretor franco-canadense Dennis Villeneuve, baseado em um conto do escritor Ted Chiang (2016) (“A história da sua vida”) se apresenta como mais um dos vários filmes que imaginam o tão sonhado contato com alienígenas. No mundo ocidental,

¹ Gostaria de agradecer aos pareceristas anônimos que contribuíram com críticas e sugestões que possibilitaram a efetivação de importantes ajustes no texto.

as especulações a respeito de um possível contato com alienígenas contam com uma longa história – as epígrafes citadas acima são apenas dois dos inúmeros exemplos de toda a mitologia que informa o vasto campo de fantasias ocidentais a respeito do contato da humanidade com aquilo que está para além dela no plano existencial². Se no início da película nos deparamos com várias cenas já conhecidas em outros filmes sobre extraterrestres - noticiários explodindo em plantões jornalísticos, tanques e bases militares se movimentando rapidamente em direção à “zona de contato”, etc. -, ao final da trama temos a impressão de que nos aproximamos de uma experiência alternativa de filme sobre ET’s. Quando sobem os créditos, percebemos que o assunto que seria, num primeiro momento, tido como principal (alienígenas) se revela, no final das contas, uma espécie de “acessório”, um molde para o desenvolvimento dos tópicos protagonistas das reflexões engendradas pelo enredo (no caso, as questões que atravessam os campos da cultura, da linguagem e do tempo).

Antes de começar a falar especificamente sobre o enredo do filme em questão, cabe ressaltar que esse texto é apenas mais um dos vários exemplos de artigos e ensaios que mobilizam “A Chegada” como objeto central para o desenvolvimento de considerações a respeito de áreas variadas das ciências humanas. No caso, me detenho a discussões específicas do campo da antropologia. Contudo, um panorama limitado³ da produção brasileira sobre o filme indica o tratamento de uma pletera de temas, tais como: uma análise do uso do *flashback* em “A Chegada” (Torres; Damasceno 2019); uma investigação sobre as formas de representação do Outro no filme e no conto que serviu de base para o seu desenvolvimento (Silva 2020); uma leitura discursiva da trama com foco em questões teóricas referentes à linguagem (Carneiro et al. 2018); um estudo sobre o impacto das relações de poder colonizadoras por meio da linguagem (Cortázio 2021); uma análise da trama do filme a partir do vínculo entre Língua, Cultura e Cognição (Maracajá 2020) etc.

Além disso, destacam-se os trabalhos que, utilizando certos aspectos do enredo de “A Chegada”, visam: construir uma investigação a respeito de como a temporalidade influencia a construção de uma narrativa de ficção-científica (Dezopa 2019); analisar como

2 Neste início, vale destacar que este texto não pretende realizar um estudo antropológico sobre as pessoas e os relatos que afirmam/sugerem a possibilidade de efetivação de um verdadeiro contato com seres de outros planetas, tampouco sobre os efeitos práticos e simbólicos da crença em alienígenas. Sobre esses assuntos, existe um vasto campo na antropologia que abriga estudos variados (Almeida 2015; Esquerre 2016; Lagrange 1990; Stoczkowski 1999). Além disso, para ver os primeiros passos de uma pesquisa antropológica em desenvolvimento a respeito desses temas, cf. (Andriewski 2019).

3 Este é um panorama limitado devido ao fato de que não foi realizado, para este texto, uma revisão de literatura sistemática a respeito das produções em torno de “A Chegada”. A busca dos artigos mencionados que mobilizaram a trama do filme ocorreu por meio da utilização da plataforma Google Scholar e da inserção dos termos “filme A Chegada” (com aspas duplas). Desta maneira, foram selecionados dez artigos entre os resultados que apareceram nas três primeiras páginas de resultados da pesquisa.

essa narrativa trata os conceitos de linguagem, tempo e sociedade na contemporaneidade (Rocha; Oliveira 2020); demonstrar como os elementos narrativos, narrador e tempo, operam tanto no filme quanto no conto de Ted Chiang (Barros; Crivano; Lima Cardoso 2021); desenvolver uma reflexão sobre o potencial da ficção científica para o debate de questões concernentes às relações de gênero e alteridade (Da Cruz; Teixeira; Gomes 2020); apresentar uma consideração sobre a marginalidade da linguística no gênero *sci-fi* (Queriquelli 2019); dentre outros. Desta maneira, o movimento que se realiza com esse texto se soma aos esforços empreendidos por uma série de pesquisadores nos últimos anos que recorrem ao filme em questão com a finalidade de fomentar discussões em torno das relações entre linguagem, cultura, sociedade, tempo, poder etc.

Na trama, acompanhamos de perto os passos da Dra. Louise Banks, professora universitária e pesquisadora renomada no campo da linguística. Logo no início, são apresentadas ao espectador algumas das habilidades profissionais de Banks — por exemplo, nas primeiras cenas somos transportados para o começo de uma de suas aulas a respeito da relação entre o português e as línguas germânicas e, logo em seguida, descobrimos que ela auxiliou anteriormente o serviço de inteligência norte-americano com uma tradução confidencial de um indivíduo capturado que falava persa. Partindo disso, o filme começa já no dia em que “eles chegaram”. Com pouca informação consistente e muitas caras assustadas, a aula que assistiríamos da professora Banks é cancelada e ela vai para sua casa, onde começa a se deparar com notícias desse acontecimento bizarro.

Instalando-se em mais de 12 países, os alienígenas chegam em veículos cujos formatos são similares a “conchas” que se fixam em determinados pontos geográficos aparentemente sem conexão, mantendo-se nesses locais a poucos metros do chão, o que dá uma impressão de que tais naves estão em estado de permanente flutuação. Além disso, o roteiro também nos revela que a composição das “conchas” é de material quimicamente desconhecido, reforçando toda a aura misteriosa que paira sobre esses seres. Sentindo a gravidade da situação e percebendo a impossibilidade de se comunicar com os alienígenas através de armas ou de qualquer tipo de intimidação humana, membros importantes do serviço de inteligência norte-americano vão atrás da Dra. Banks, que, segundo eles, está entre as pesquisadoras mais cotadas no que diz respeito a assuntos de tradução e contato com outras línguas. Além dela, o físico teórico Ian Donnelly também é recrutado para a equipe militar. O momento do primeiro contato entre os dois pesquisadores constitui um dos pontos altos do filme para a discussão aqui empreendida.

Dentro do avião que os direciona para o local de contato com os alienígenas, Donnelly, segurando um livro escrito pela protagonista, estabelece seu contato inicial

com a pesquisadora por meio de uma postura notadamente presunçosa - ele afirma que, a despeito da beleza, um dos postulados fundamentais da linguística, colocado como epígrafe do livro, está errado. Esse postulado, por sua vez, afirma que a língua é o aspecto civilizador da humanidade - para o físico, não é a língua que cumpre esse papel, mas sim a ciência. Em seguida, nas conversas a respeito das possíveis estratégias de comunicação para contatos com os ET's, o físico defende, reforçando o coro dos militares, o foco em perguntas específicas (O que eles querem? De onde vieram?) através da adoção de procedimentos esquemáticos - como a utilização de sequências binárias -, enquanto Banks adota a postura antropológica por excelência - ou seja: que tal darmos um "passo atrás" e, em vez de despejarmos sobre eles problemas matemáticos, ouvirmos o que eles têm para nos dizer? Neste sentido, Banks parece defender que o comportamento mais interessante para o primeiro contato com os seres de outro planeta não é aquele em que os pesquisadores já chegam com os seus próprios problemas para os ouvintes, mas sim esperam para saber quais são os dilemas que surgirão a partir da comunicação na prática⁴.

Embora de maneira um tanto estereotipada, acredito que essa cena consiga tematizar um dos principais debates da antropologia na primeira metade do século XX: as relações entre as categorias "êmico" e "ético" (Jardine 2004). Tais noções emergiram do campo da linguística, sobretudo das áreas "fonêmica" e "fonética". Segundo Mostowlansky e Rota (2020), foi exatamente da extensão de ambas as áreas para "a análise de todas as formas do comportamento humano" (Mostowlansky & Rota 2020: 2)⁵, operação empreendida pelo linguista Kenneth Pike, que surgiram as categorias de êmico e ético.

Elaboradas a partir de então pelo campo da antropologia, estas categorias passaram a designar dois tipos distintos de abordagem do comportamento humano e dos fenômenos sociais: o primeiro (êmico) diz respeito aos "conceitos, afirmações e interações dos interlocutores de um pesquisador em pesquisa etnográfica" (Mostowlansky & Rota 2020: 1), enquanto o último (ético) se refere ao "enquadramento analítico do próprio pesquisador" (Mostowlansky & Rota, 2020: 1). Assim, a abordagem êmica aponta para um trabalho analítico no qual o pesquisador dispensa "meios de classificação a priori" (Mostowlansky & Rota 2020: 3) e busca "descobrir e descrever os padrões estruturados das atividades mentais e corporais que os membros daquela cultura reconhecem como distintos e significantes para seu sistema de comportamento" (Mostowlansky & Rota 2020: 3). Por outro lado, a abordagem ética implica uma postura por meio da qual o pesquisador se aferra mais fortemente ao seu próprio "laboratório" - isto é, "em um sistema

4 Essa cena do filme pode ser vista a partir dos 17 minutos.

5 Todas as traduções de trechos do texto de Mostowlansky e Rota (2020) foram feitas de maneira livre pelo autor do texto.

de classificação geral desenvolvido pelo pesquisador para o estudo de qualquer cultura em particular a fim de comparar e classificar dados comportamentais” (Mostowlansky & Rota 2020: 3). Desta maneira, os termos “êmico” e “ético” forneceram aos pesquisadores “um vocabulário que conduz a atenção de seus públicos em direção a tópicos importantes sobre perspectiva analítica, ponto de vista e posicionalidade” (Mostowlansky & Rota 2020: 10).

Neste sentido, correndo o risco de simplificações⁶, podemos afirmar que o plano de ação capitaneado por Ian Donnelly e pelo serviço de inteligência norte-americano no filme se aproxima de uma perspectiva ética, uma vez que busca, inicialmente, travar um contato com os “nativos” orientado por sistemas gerais de conhecimento desenvolvidos em um momento anterior ao próprio contato. Isso significa que tanto o físico teórico quanto os militares não elencavam a lógica própria aos extraterrestres (por mais esquisito que isso possa soar) como um elemento fundamental para a compreensão de seus propósitos em relação à humanidade. Já a postura da Dra. Louise Banks, por sua vez, partilha das características de uma abordagem êmica e - talvez - radicalmente antropológica, uma vez que busca “levar os outros a sério” (Ingold 2019) (e não esqueçamos que esses “outros”, no filme, são alienígenas), “seguir” (Latour 2000) os atores em questão da forma mais próxima possível e, ao mesmo tempo, questionar de certa maneira a possibilidade de que os nossos conhecimentos estejam aptos para abarcar e compreender um tipo de experiência tão alternativa.

Alargando as correlações iniciais entre a trama e as discussões antropológicas, não seria equivocado sugerir que a situação de contato entre os humanos e os alienígenas no filme emula, em certo sentido, o momento inicial de elaboração do campo da antropologia como uma disciplina científica. Com essa metáfora, não pretendo obviamente erigir qualquer tipo de qualificação pejorativa sobre os agrupamentos humanos que apareciam nas páginas dos primeiros relatos de viajantes e antropólogos de gabinete. Aqui, o termo “alienígena” (ou qualquer outra palavra correlata) deve ser entendido em sua acepção etimológica - isto é, como uma palavra que designa tudo aquilo que, de um determinado ponto de vista, pertence a outros mundos. Neste sentido, os discursos de Donnelly e dos militares explicitados acima remetem sem muito esforço à postura dos

6 Vale destacar algumas nuances do debate. No próprio texto citado, vemos que o antropólogo Marvin Harris questiona a utilização do termo “êmico” como sinônimo da “postura ideal” do etnógrafo em pesquisa. Para o autor, a abordagem ética representa o comportamento mais correto devido ao fato de que suas bases se sustentam pela “confirmação de outros cientistas” e por “enquadramentos científicos enraizados em processos e relações sociais assumidamente objetivos” (Mostowlansky & Rota 2020: 4). Segundo Harris, “o relativismo inerente a esses paradigmas [oriundos da abordagem êmica] conduzem para um caminho perigoso em direção à rejeição da verdade científica e, em última instância, ao fascismo” (Mostowlansky & Rota 2020: 7).

primeiros “aventureiros” e estudiosos europeus que, no geral, representavam os nativos como “reflexos distorcidos e muitas vezes invertidos” (Eriksen & Nielsen 2007: 14) deles mesmos. Além disso, tal situação também aproxima o espectador de um período embrionário do saber antropológico em que predominava uma “tensão entre textos herdados e novas experiências de mundo” (Liebersohn 2007: 19), que, à época, eram capitaneadas por “Colombo e seus sucessores” (Liebersohn 2007: 25) e cujos relatos apresentavam conteúdos que questionavam o que se sabia naquele contexto a respeito dos povos “estrangeiros”. Desta maneira, ainda falando desse estágio inicial da antropologia, a ideia da Dra. Banks (e, como veremos, a postura adotada por ela) guarda características fundamentais com as reflexões do pensador Johann Herder, que “não demonizou simplesmente o comportamento nativo que elidia categorias europeias de racionalidade, mas considerou a possibilidade que esse tipo comportamento incorporasse um diferente tipo de lógica” (Liebersohn 2007: 29)⁷.

Voltando mais especificamente ao filme, o que vemos ao longo da trama entre a dupla formada por Banks e Donnely é muito mais uma coordenação de atividades e colaboração de conhecimentos diversos do que competições entre áreas distintas e rixas teóricas. Nesse espírito, a linguista e o físico começam a travar os primeiros contatos com os alienígenas dentro de suas “conchas”. A missão da Dra. Banks e dos demais cientistas que dividem os computadores da base militar com ela é apenas uma (e das mais desafiadoras): entender como os alienígenas se comunicam e, a partir disso, identificar os seus propósitos para com a humanidade e a Terra de maneira mais geral. Ao espectador, é mostrado que os seres extraterrestres se comunicam de duas formas: por meio de sons aparentemente indecifráveis e através de traços imagéticos em formato circular - o que sugere que a sua “escrita”, diferentemente da nossa, segue um ordenamento não-linear. Isso significa que as dificuldades para a apreensão de informações por meio do contato com os ET's são enormes e desafiadoras. Como erigir uma base mínima de compatibilização entre a nossa linguagem e um tipo de comunicação totalmente diferente de tal forma que seja possível realizar traduções? Como associar às formas circulares (e aos seus detalhes) letras, palavras, frases e intenções? Como perguntas e afirmações são representadas na linguagem alienígena?

Mais uma vez, nos deparamos com perguntas muito similares àquelas que orientam os debates do campo da antropologia há mais de um século. O antropólogo norte-americano Franz Boas, por exemplo, “argumentava que o caráter inconsciente desses processos linguísticos nos revelava muito sobre os processos da cultura em geral”

7 Todas as traduções de trechos dos textos de Eriksen e Nielsen (2007) e Liebersohn (2007) foram feitas de maneira livre pelo autor do texto.

(Stocking 2004: 22). Outro antropólogo importante da área, Evans-Pritchard, afirmava que “para poder compreender o pensamento de um povo torna-se necessário pensar nos seus próprios símbolos” (Evans-Pritchard 1972 [1950]: 15). Se levarmos em consideração que “todo o tipo de relação social, de crença, de processo tecnológico - de fato, tudo o que integra a vida social dos nativos - tem a sua expressão em palavras e em ações” (Evans-Pritchard 1972 [1950]: 15), então não é equivocado sugerir que “ao aprender uma língua, também se aprende a cultura e o sistema social” (Evans-Pritchard 1972 [1950]: 15). Tendo em vista a importância, para o trabalho etnográfico, da aproximação em relação ao ponto de vista do nativo, Evans-Pritchard estabelece que, ao tentar aprender a língua do nativo, “o antropólogo vai ao encontro do nativo não como um mestre mas como um aluno” (Evans-Pritchard 1972 [1950]: 15) - postura essa que, mais uma vez, guarda uma série de similaridades com o discurso da personagem interpretada por Amy Adams em A Chegada (2016).

Ao longo da trama, percebe-se que, com muito estudo, perspicácia e repetições de contato, a Dra. Banks começa aos poucos a desvendar determinadas regularidades nas comunicações dos alienígenas⁸. É neste momento também que ela passa a ter sonhos estranhos que afetam significativamente seu estado emocional. Para o espectador, os sonhos trazem à memória da protagonista acontecimentos profundamente trágicos ocorridos num passado recente. As cenas desse “suposto” passado nos são apresentadas logo no início do filme - o crescimento da filha da linguista, sua adolescência, juventude e morte precoce (vítima provavelmente de alguma doença autoimune). Digo “suposto” porque, mais próximo do final da trama, entendemos que aquelas imagens que estariam na vida pregressa de Banks são, na verdade, *flashes* do futuro. Por essa razão, Banks demonstra nitidamente um profundo incômodo e expressões de confusão logo após despertar desses “sonhos”.

Não é coincidência o fato de que os tais “sonhos” emergem a partir do momento em que a linguista passa a entender melhor a estrutura da linguagem alienígena. O filme nos conduz gradativamente à seguinte constatação: ao adentrar o sistema linguístico dos ET's, Banks tem acesso não só a formas e técnicas alternativas de construção de palavras e frases, mas sim a todo um modo distinto de relação com o tempo. Evidentemente, isso impacta sua própria experiência cotidiana em relação à ordenação temporal tal como a concebemos (nós, a humanidade). Portanto, o filme conduz o espectador à reflexão de

8 Vale dizer também que o primeiro contato com “resultados efetivos” veio exatamente no momento em que Banks decide tornar o contato um pouco mais “próximo” - ela se despe de seu traje de proteção (todo cheio de artifícios anti-radiação e anti-contaminação biológica) e se aproxima do vidro que a separa dos ET's. O filme mostra que essa atitude suscita nos alienígenas uma resposta um pouco mais expressiva.

que, ao mergulhar profundamente em uma outra linguagem, estabelece-se um contato com modos diferentes de pensamento e relação com aspectos básicos da realidade (como o tempo, a noção de sequência, o reconhecimento do outro etc.).

Linguagem, tempo e cultura - mais cientistas são recrutados

Neste ponto do texto, sugiro pegar o controle remoto e dar uma “pausa” no filme. Após uma breve incursão em mais alguns debates antropológicos, voltaremos a ele munidos de elementos que, espero, nos permitirão um tipo de experiência mais “imersiva” em relação à trama. Como mencionado no subtítulo, e dando prosseguimento a um exercício esboçado na primeira parte do texto, este é o momento em que estabeleceremos relações não só com a Dra. Banks e o físico Ian Donnelly, mas também com outros cientistas e pensadores para a elaboração de reflexões a respeito das ligações entre linguagem, tempo e cultura.

Saussure, Jakobson e Lévi-Strauss chegam ao local do contato...

Nesta seção, apresento partes de alguns dos principais debates do século XX no campo da antropologia no que diz respeito às categorias centrais desse texto. Assim, os próximos parágrafos efetuam um breve desvio de rota em relação à trama do filme, que é retomada na seção seguinte. Desta maneira, a escolha por tal caminho argumentativo pretende reforçar o argumento central do texto – a saber, que a exposição de certas reflexões antropológicas possibilita uma aproximação mais “imersiva” em relação ao filme, que, por sua vez, auxilia na compreensão de discussões neste mesmo campo em torno das relações entre linguagem, tempo e cultura.

De modo geral, no campo das ciências sociais, falar de linguagem significa se aproximar de questões fundamentais da linguística. Este campo, conhecido principalmente pelos trabalhos seminais de Ferdinand de Saussure, se dedica ao aprofundamento do estudo de “todas as manifestações da linguagem humana” (Saussure 2006 [1906]: 13). Para o autor, por sua “importância para a cultura geral” (Saussure 2006 [1906]: 14), a linguagem “constitui fator mais importante que qualquer outro” (Saussure 2006 [1906]: 14). Tamanha relevância é explicada, dentre outros fatores, pelo fato de a linguagem pertencer “ao domínio individual e ao domínio social” (Saussure 2006 [1906]: 17), sendo “impossível conceber um sem o outro” (Saussure 2006 [1906]: 16) no estudo de tal objeto.

Em “Curso de Linguística Geral” (2006 [1906]), Saussure ainda estabelece uma diferenciação entre língua e linguagem. Segundo ele, a língua diz respeito a “um sistema de signos que exprimem ideias” (Saussure 2006 [1906]: 24) e, além disso, representa “a parte social da linguagem” (Saussure 2006 [1906]: 24), uma vez que ela não “existe senão

em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (Saussure 2006 [1906]: 24). Por essa razão, “a faculdade de articular palavras não se exerce senão com ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade” (Saussure 2006 [1906]: 18), aspecto enfatizado também por outro nome importante do campo da Linguística, Roman Jakobson, ao reforçar que “para ser eficiente, o ato da fala exige o uso de um código comum por seus participantes” (Jakobson 1981 [1954]: 3). Desta maneira, percebe-se que Saussure e Jakobson partilham da perspectiva que ressalta a existência de vínculos estreitos e consistentes entre língua, linguagem e a vida social de um determinado agrupamento. Como visto na primeira seção do texto, esse tipo de raciocínio tem sido objeto de uma série de reflexões por parte de antropólogos, o que indica a extensão significativa dos apontamentos linguísticos para a área da antropologia.

A influência do desenvolvimento da linguística para os estudos antropológicos foi celebrenemente apontada por Lévi-Strauss em 1945. Segundo o autor de *Tristes Trópicos*, “a linguística ocupa um lugar excepcional” (Lévi-Strauss 2008 [1945]: 43) no conjunto das ciências sociais pelo fato de ter sido “aquela que, de longe, realizou os maiores progressos” (Lévi-Strauss 2008 [1945]: 43). Com esse argumento, Lévi-Strauss sugere que o desdobramento dos estudos linguísticos não traz importantes questionamentos apenas a partir de seu conteúdo, mas, principalmente, através do estabelecimento de um método capaz de contribuir para a sistematização progressiva das abordagens sociológica e antropológica. Desta maneira, o autor sugere que “o erro da sociologia tradicional [...] estava em considerar os termos, e não as relações entre os termos” (Lévi-Strauss 2008 [1945]: 60). Assim, priorizar a ideia de que o sentido de um dado elemento é “determinado por sua conexão com outros signos no interior da mesma sequência” (Jakobson 1981 [1954]: 5) representa um movimento típico da linguística que, aos olhos do antropólogo, deveria ser apreendido pelos demais campos das ciências sociais.

No que diz respeito mais especificamente ao campo da antropologia, Lévi-Strauss apostava no encontro profícuo entre a fonologia - que representaria um “papel renovador” (Lévi-Strauss 2008 [1945]: 45) para as áreas que se debruçam sobre a vida social - e os estudos de parentesco. A razão para tal se deve ao fato de que os sistemas de parentesco constituem, à primeira vista, sistemas de classificação que nomeiam determinadas relações de aliança entre os membros de um dado agrupamento (por meio de termos como “pai”, “mãe”, “tio materno” etc.). Para Lévi-Strauss, isso significa que “o sistema de parentesco é uma linguagem” (Lévi-Strauss 2008 [1945]: 61) e, assim, os fenômenos de parentesco seriam “fenômenos do mesmo tipo que os fenômenos linguísticos” (Lévi-Strauss 2008 [1945]: 46). Algo semelhante já havia sido ressaltado anteriormente por Malinowski

ao afirmar que “as palavras de parentesco nada mais são do que registros ou rótulos de relações sociais” (Malinowski 2015 [1930]: 129). Mais uma vez, é exatamente por esse motivo que Lévi-Strauss argumenta que, em relação aos estudos de parentesco, o aspecto relevante “não são as famílias, termos isolados, e sim a relação entre esses termos” (Lévi-Strauss 2008 [1945]: 65).

Para as finalidades das reflexões aqui desenvolvidas, as ideias iniciais da linguística e o campo do parentesco emergem como um exemplo consistente das estreitas relações entre linguagem e vida social. Por um lado, autores seminais da primeira área - representados aqui por Saussure e Jakobson - reforçam o caráter marcadamente social da fala, da linguagem e da língua humanas. Por outro lado, o movimento de localizar os nomes que compõem as classificações de parentesco em posições específicas do tecido social - exposto por meio de Lévi-Strauss e Malinowski - abre um caminho importante para o estudo não só das dinâmicas constituintes da organização social de um determinado agrupamento, como também dos valores, comportamentos e sentidos atribuídos a ela pelos membros dessa comunidade. Desta maneira, através do parentesco, a linguagem aparece como um elemento fundamental para o estabelecimento de maiores aproximações entre o pesquisador e a experiência social cotidiana de outras sociedades diferentes da sua.

... acompanhados por Edward Sapir e Alan Burdick

Seguindo nos desdobramentos teóricos da antropologia na primeira metade do século XX, não poderíamos deixar de tratar da “Escola de Cultura e Personalidade”, corrente antropológica desenvolvida no período entre guerras e encabeçada por Margaret Mead, Ruth Benedict e Edward Sapir. Além de terem construído projetos em parceria, os três também foram alunos de Franz Boas, cuja relevante contribuição para o campo da antropologia pode ser auferida em trabalhos nos quais ele desenvolve robustas críticas à tradição evolucionista, tece importantes comentários sobre o trabalho de campo e aproxima a antropologia das áreas da psicologia e da psicanálise (Castro 2015). Inspirados por Boas, Mead, Sapir e Benedict elaboraram diversas análises que se debruçaram fundamentalmente sobre os dois termos supracitados: a cultura e a personalidade. Assim, as complexas relações entre a esfera individual, que diz respeito às experiências biográficas e às motivações que propõem as ações particulares de cada um, e o âmbito cultural, comumente associado à reprodução condicionada de determinados padrões culturais e à internalização inconsciente de certos hábitos e modos de reflexão, funcionam como o motor que alimenta as investidas teórico-empíricas dos autores.

A despeito das contribuições extremamente valiosas de Benedict (2013) - sobretudo seu estudo a respeito dos padrões culturais e sua crítica precisa ao etnocentrismo através da análise dos “anormais” ou “desnorteados” (Benedict, 2013: 258-259) - e Mead, como as análises de aspectos da adolescência em Samoa e os registros fotográficos e antropológicos da cultura balinesa (Castro 2015), nos concentraremos na atuação de Edward Sapir. Inclusive, em A Chegada (2016), há uma menção explícita de uma das elaborações teóricas mais relevantes desse pensador: a hipótese Sapir-Whorf.

Antes de tratarmos propriamente dela, vale a pena a realização de uma breve incursão em algumas das reflexões antropológicas de Sapir. Em “A emergência do conceito de personalidade em um estudo de culturas” (2015 [1934]), o autor argumenta que a verdadeira introdução da categoria de “personalidade” na investigação sobre as dinâmicas culturais não é um aspecto meramente secundário – ela modifica significativamente os estudos antropológicos em geral. Afinal, ao levarmos a sério a personalidade, não podemos mais tratar da categoria de “cultura” como um todo homogêneo ou como um bloco monolítico igualmente reproduzido por todos os membros de uma comunidade. Como diz o próprio Sapir, “à medida que ele [o antropólogo] muda de informante, sua cultura necessariamente muda” (Sapir 2015 [1934]: 119).

Neste sentido, o autor afirma que a percepção da cultura como algo “dado” a nós é “o maior obstáculo à nossa real compreensão de sua natureza, da mudança cultural e da relação de ambas com a personalidade do indivíduo” (Sapir 2015 [1934]: 121). Neste ponto, Sapir esclarece que a sua percepção acerca da noção de “cultura” se distancia bastante daquela compreensão cultivada pelos evolucionistas (que a enxergam dentro de um conjunto hierárquico e como uma caminhada teleológica cujo ponto mais alto é a cultura europeia), pelos deterministas (que a veem como um efeito de algum outro fator de maior importância [a biologia, a mente, etc.]) e pelos funcionalistas (que entendem a cultura como algo que realiza necessariamente uma função, que possui uma utilidade) (Gonçalves 2012: 27).

Desta maneira, para o antropólogo alemão, a cultura guarda uma similaridade formal com outros dois elementos: a personalidade e a linguagem. Em relação à primeira, Sapir afirma que, quanto mais a personalidade agrega símbolos a si mesma, mais ela se torna o “microcosmos cultural do qual a ‘cultura’ oficial pouco mais é que uma cópia metafórica e necessariamente expandida” (Sapir 2015 [1934]: 119). No que diz respeito à segunda, o autor argumenta que tanto a linguagem quanto a cultura “formam sistemas complexos cujos termos se condicionam reciprocamente” (Gonçalves 2012: 27) e constituem “um processo simbólico inconsciente de padronização” (Gonçalves 2012: 27).

Contudo, o fato de Sapir ancorar de certa maneira as experiências cultural e linguística no inconsciente não significa que, em sua teoria, os indivíduos sejam simples autômatos fadados a sempre reproduzirem o padrão cultural de um dado momento. Muito pelo contrário - “os indivíduos não apenas ‘executam’ os padrões culturais; na verdade, podem ter um papel criativo fundamental” (Gonçalves 2012: 27) se considerarmos o seu potencial de reavaliação desses mesmos padrões. De fato, um esquema teórico que propõe levar a sério a personalidade não poderia deixar de lado a capacidade crítica dos indivíduos.

Para esclarecer essa visão, Sapir utiliza uma metáfora interessante. O autor sugere que, se nos posicionarmos do ponto de vista da criança que está sendo socializada (“adquirindo cultura”), o cenário se transforma por inteiro. Dessa perspectiva, “a cultura não é então algo dado, mas algo a ser descoberto aos poucos” (Sapir 2015 [1934]: 121). Por essa razão, o antropólogo alemão defende, no final do texto, a realização de pesquisas de campo sobre o desenvolvimento da criança - ali o pesquisador provavelmente poderá encontrar um espaço privilegiado para a reflexão acerca da estreita ligação entre estudos culturais e a questão da personalidade. Assim, para Sapir, cultura e personalidade são termos que devem ser pensados juntos - separar a agência individual da estrutura social é algo que apenas prejudica as análises a respeito dos fenômenos culturais e da realidade social.

Como mencionado anteriormente, no esquema teórico de Sapir, a linguagem e a cultura conservam semelhanças relevantes em relação às suas formas. Seguindo esse raciocínio, a principal ideia da hipótese de Sapir-Whorf (como o nome já diz, desenvolvida conjuntamente por Benjamin Whorf, linguista norte-americano) é que a língua constitui “uma das principais formas de acesso à cultura de um povo” (Sampaio 2018: 231). Isso se deve ao fato de que há uma estreita “correlação entre linguagem e pensamento” (Stam 1977: 306), de tal maneira que a linguagem opera como um “modelador [*shaper*] de ideias” (Stam 1977: 308). Partindo da consideração de que “a linguagem condiciona o nosso pensamento” (Stam 1977: 306), a hipótese desenvolvida por Sapir e Whorf também afirma que a linguagem diz respeito à “mediação, por um lado, entre um indivíduo e outros em sua comunidade e nação, e, por outro lado, entre indivíduo e o mundo externo” (Stam 1977: 309). Desta forma, “a língua que se fala influencia, em alguma medida, o modo como se pensa” (Sampaio 2018: 232) – ou seja, a língua cumpre um papel de elemento organizador da visão de mundo e da cultura de um determinado grupo.

Neste ponto, é inevitável lembrar de Émile Durkheim, considerado um dos pais da sociologia. Em “As formas elementares da vida religiosa” (1989 [1912]), o pensador francês identifica que na vida religiosa das civilizações em que tais conjuntos de crenças

são predominantes encontra-se a presença das categorias essenciais do entendimento humano - a saber, “noções de tempo, de espaço, de gênero, de número, de causa, de substância, de personalidade etc.” (Durkheim 1989 [1912]: 16). Devido ao seu caráter fundamental - isto é, por serem compreendidas como elementos basilares do pensamento lógico, utilizados por todos os atores sociais, independentemente de suas formações -, tais noções constituem representações coletivas. Assim, partindo da observação de que tais representações coletivas essenciais já aparecem de modo nítido nas formas elementares da vida religiosa, Durkheim argumenta que as últimas são responsáveis pela formação das primeiras. Contudo, as representações religiosas, por sua vez, também são representações coletivas, o que leva o autor à seguinte pergunta: qual é a origem das representações coletivas?

Por seu caráter abrangente e enraizamento profundo nas consciências individuais, Durkheim conclui que tais representações só podem ter nascido do social - isto é, da consciência coletiva. Assim, as próprias noções que baseiam o pensamento humano não são elementos existentes *a priori*, tampouco categorias dadas pela experiência empírica, mas sim conceitos elaborados e impostos pela sociedade em relação aos indivíduos. Desta maneira, “se as categorias são representações essencialmente coletivas, elas traduzem antes de tudo estados da coletividade” (Durkheim 1989 [1912]: 23) - isto é, elas dependem da organização e da dinâmica internas da coletividade. Isso significa dizer que, para Durkheim, a forma de organização da sociedade fundamenta a forma de percepção cognitiva dos atores sociais - ou seja, de modo mais simplório, as maneiras de coordenação das ações humanas baseiam as maneiras de representação da humanidade⁹.

Dando o último salto teórico do texto, convém concluir esta seção com Alan Burdick, redator e ex-editor sênior da revista *New Yorker* e autor de “Por que o tempo voa: uma investigação sobretudo científica” (2020). Nele, vemos os resultados de mais de 5 anos de investigações jornalísticas empreendidas pelo autor sobre questões relacionadas ao tempo. Para as finalidades do texto, vale comentar brevemente um desses experimentos.

Partindo de uma longa descrição de experiências em laboratório com bebês acerca de questões relacionadas à sincronia entre sons e imagens, o autor argumenta que, para um recém-nascido, “as palavras em si mesmas não significam nada, mas, pronunciadas em voz alta, oferecem dicas de como visões e sons se encaixam uns nos outros; ao ouvir uma língua, o recém-nascido domina a sincronia e aprende a ir além dela” (Burdick 2020: 257). Isso se torna ainda mais evidente quando pensamos na maneira pela qual os adultos falam com bebês - em geral, de um jeito particular, típico dessas situações, que reforça a

9 Esse argumento também aparece, com uma outra roupagem, no texto “Algumas formas primitivas de classificação”, escrito em parceria com Marcel Mauss.

pronúncia das palavras e as pausas entre elas. Citando o cientista David. J. Lewkowicz, professor da Escola de Medicina da Universidade de Yale¹⁰, Burdick afirma que “usando ritmo e prosódia e todas essas deixas, estamos permitindo que o bebê aprenda que tudo isso vem junto, e que aprenda a palavra” e conclui dizendo “bingo, você tem um sistema perfeitamente projetado para ensinar os falantes a falar” (Burdick 2020: 257). Em seguida, Burdick adiciona o aspecto fundamental da reflexão - mais do que ensinar a falar, no momento em que nos comunicamos com as crianças estamos ensinando-as a respeito da percepção do tempo, o que implica um conjunto de conhecimentos que versam sobre sequência, sincronia, ordenação (antes e depois), novidade etc. Ver uma outra pessoa falando é uma das maneiras mais eficazes de uma criança recém-nascida aprender sobre o tempo. Portanto, “para novos humanos, pelo menos, o tempo começa com uma palavra” (Burdick 2020: 257).

Adentrando o mundo extraterrestre

Partindo das elaborações reflexivas empreendidas pelos autores mobilizados ao longo do texto, acredito que seja possível retornar ao filme e compreender de maneira distinta o *plot twist* da trama. Após uma série de contatos com os alienígenas, a dra. Banks passa gradativamente a entender melhor o sistema linguístico e as formas de comunicação dos extraterrestres (chegando até mesmo à constatação de que a fala e a escrita deles não seguem necessariamente a mesma lógica). É bem verdade que a linguista não realiza uma “observação participante” - afinal, estamos falando de um filme de ficção e, pelo desenrolar do enredo, conviver entre os alienígenas naquele momento seria algo impossível. Contudo, à medida que a protagonista adentra o conjunto de operações linguísticas dos ET's, ela começa a ter acesso, seguindo os desenvolvimentos teóricos supracitados, ao modo de pensamento dessas criaturas.

Assim, mergulhando na comunicação dos alienígenas, Louise Banks consegue ter contato com um aspecto fundamental da experiência cotidiana de qualquer comunidade: o relacionamento dos membros deste agrupamento com as questões relacionadas ao tempo, como a passagem e a ordenação temporais, por exemplo. Considerando que a percepção temporal constitui um dos aspectos básicos que informam a cultura de um dado grupo, o filme nos leva a pensar que a linguista consegue - por meio de uma verdadeira imersão na linguagem dos alienígenas - “ser afetada” (Favret-Saada 2005 [1990]) pela cultura deles. E como é esse modo de pensamento dos extraterrestres? Essa informação

10 Para mais informações, basta acessar o site da própria universidade: <https://medicine.yale.edu/profile/david.lewkowicz/>. Além disso, para a leitura de alguns dos estudos empreendidos por Lewkowicz, conferir Lewkowicz e Hansen-Tift (2012).

o filme já nos revela na metade da trama - como a ortografia deles segue uma lógica não-linear, então sua relação com o tempo também não é linear. Isso significa que, em sua experiência alienígena, passado, presente e futuro não aparecem como termos que se sucedem, mas sim como elementos que andam juntos. Dessa forma, é possível realizar uma certa movimentação entre essas três instâncias - por mais atípico que isso possa parecer¹¹. É exatamente esse raciocínio que explica o crescente incômodo e mal-estar da professora à medida que sua compreensão da linguagem alienígena avança - como explicado anteriormente, os “sonhos” que vemos emergirem nos momentos de repouso da dra. Banks são, na verdade, *flashes* do futuro.

Com fácil acesso aos tempos vindouros, os alienígenas contactam os humanos pelo seguinte motivo: daqui a três mil anos eles precisarão da nossa ajuda. Assim, a principal “arma” que eles entregam a nós não é qualquer tipo de espada luminosa, rifle de laser ou armadura super-resistente - seu principal presente é a sua própria linguagem. Tal como os autores trabalhados ao longo do texto, tal imagem conduz o espectador a pensar que talvez a linguagem seja, de fato, a ferramenta mais importante que possuímos para dar forma à nossa experiência social cotidiana. É por meio dela que atribuímos contornos, delimitamos fronteiras e avaliamos o tamanho, a potência e o valor dos diversos fenômenos e elementos que atravessam nossas vidas.

Considerações finais

O presente texto empreendeu uma longa trajetória por meio de diferentes debates do campo da antropologia e da linguística a fim de fundamentar reflexões sobre cultura, linguagem e pensamento. Para tal, utilizou-se como pano de fundo o filme A Chegada (2016), cujo enredo possibilita a mobilização de uma série de autores por meio de uma narrativa de ficção científica. Na trama, o encontro de uma linguista com extraterrestres abre um caminho interessante para a investigação a respeito das relações entre os sistemas de linguagem e a vida cultural das comunidades. A partir do filme, efetuou-se o cruzamento de teorias distintas oriundas dos trabalhos de Lévi-Strauss, Ferdinand Saussure, Edward Sapir, Malinowski, entre outros. Com isso, o objetivo pretendido foi o de realizar um movimento duplo: assistir ao filme à luz da bibliografia citada e ler os mesmos textos com as lentes fornecidas pelo enredo da película. Acredita-se que, assim, esses dois conjuntos (filme e textos) possam se iluminar reciprocamente, cada um fornecendo ferramentas que auxiliam na compreensão do outro.

11 Outra produção audiovisual que trabalha com uma noção semelhante de tempo é a série alemã Dark (2017), criada por Baran Bo Odar e Jantje Friese.

Referências

- ALMEIDA, Rafael A. 2015. *Objetos intangíveis: Ufologia, ciência e segredo*. Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.
- ANDRIEWSKI, Natalia. 2019. “Cosmologia da comunidade ufológica brasileira: um estudo etnográfico”. *Revista do CFCH*: 1-4.
- BARROS, V.; CRIVANO, A.; LIMA CARDOSO, M. 2021. “O Entre-Lugar Do Narrador E Do Tempo Em a História Da Sua Vida E a Chegada – Uma Análise Comparativa”. *Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*: 20(35): 313–332.
- BENEDICT, Ruth. 2013. *Padrões de cultura*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- BURDICK, Alan. 2020. *Porque o tempo voa: uma investigação sobretudo científica*. São Paulo: Editora Todavia.
- CARNEIRO, F. G. et al. 2018. “A língua heptapod: uma leitura discursiva do filme ‘A Chegada’”. *Jornada de Iniciação Científica e Extensão*. Palmas: Instituto Federal de Tocantins.
- CASTRO, Celso. 2015. “Apresentação”. In: C. Castro (org.). *Cultura e Personalidade: Margaret Mead, Ruth Benedict, Edward Sapir*. Rio de Janeiro: Editora Zahar. pp. 7-17.
- CHIANG, T. 2016. *História da sua vida e outros contos*. Rio de Janeiro: Intrínseca,
- CORTÁZIO, G. P. C. 2021. *A abdução do indígena: uma investigação do filme “A Chegada” sob a perspectiva da colonialidade*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais). Escola de Direito, Negócios e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiás.
- DA CRUZ, L. D. L.; TEIXEIRA, T. S.; GOMES, E. F. 2020. “Discutindo gênero e alteridade com adolescentes em espaços socialmente vulneráveis através da ficção científica”. *Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura*, 9(2): 1–22.
- DEZOPA, G. G. 2019. *A estruturação temporal no filme “A Chegada” (2016): como as características na narrativa cinematográfica do filme configuram uma reflexão sobre uma experiência no tempo*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo). Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia.
- DURKHEIM, Emile. 1989 *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Editora Paulinas.
- ERIKSEN, Thomas H.; NIELSEN, Finn S. 2007. *História da antropologia*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- ESQUERRE, Arnaud. 2016. *Théorie des événements extraterrestres: essai sur le récit fantastique*. Paris: Fayard.
- EVANS-PRITCHARD, Edward E. 1972 [1950]. *Antropologia Social*. Lisboa: Ediciones 70.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005 [1990]. “Ser afetado”. *Cadernos de Campo*, 13: 155-161.
- GONÇALVES, José R.S. 2012. “Edward Sapir: forma cultural e experiência individual”. *Sociologia & Antropologia* 2(4): 25-33.

- INGOLD, Tim. 2019. *Antropologia: para que serve?*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- JAKOBSON, Roman. 1981 [1954]. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix.
- JARDINE, Nick. 2004. "Etics and Emics (Not to Mention Anemics and Emetics) in the History of the Sciences". *History of Science*, 42: 261-278.
- LAGRANGE, Pierre. 1990. "Enquêtes sur les soucoupes volantes: la construction d'un fait aux États-Unis (1947), et en France (1951-54)". *Terrain: anthropologie et sciences humaines*, 14: 92-112.
- LATOUR, Bruno. 2000. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora Unesp.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 2008 [1945]. *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify.
- LEWKOVICZ, D.; HANSEN-TIFT, A. 2012. "Infants deploy selective attention to the mouth of a talking face When learning speech". *Proceedings of The National Academy of Sciences of United States of America*, 109(5): 1431-1436.
- LIEBERSOHN, Harry. 2007. "Anthropology before anthropology". In: H. Kucklick (ed.), *A New History of Anthropology*. Oxford: Blackwell. pp. 17-31.
- MALINOWSKI, Bronisław. 2015. "Parentesco". *Revista Primeiros Estudos*, 7: 117-131.
- MARACAJÁ, R. DA S. 2020. *A multidisciplinaridade do filme "A Chegada": uma análise da obra pela ótica da relatividade linguística e da tradução*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa.
- MOSTOWLANSKY, Till; ROTA, Andrea. 2020. "Emic and etic". In: Stein, et al. *The Cambridge Encyclopedia of Anthropology*. pp. 1-16.
- QUERIQUELLI, L. H. M. 2019. "A marginalidade da linguística na sci-fi: uma crítica a partir da estória dos heptápodes nas obras de Chiang e Villeneuve". *Fórum Linguístico*, (16)2: 3758-3765.
- ROCHA, A. DE O.; OLIVEIRA, M. B. 2020. "Entrelaços no tempo: uma homologia estrutural dos filmes 'A Chegada' e 'X-men: dias de um futuro esquecido'". *Revista Livre de Cinema*, 7(3): 88-97..
- SAMPAIO, Rebecca D. 2018. "Linguagem, cognição e cultura: a hipótese de Sapir-Whorf". *Cadernos do IL*, 56: 229-240.
- SAPIR, Edward. 2015 [1934]. "A emergência do conceito de personalidade em um estudo de culturas". In: C. Castro (org.). *Cultura e personalidade: Ruth Benedict, Margareth Mead, Edward Sapir*. Rio de Janeiro: Editora Zahar. pp. 110-124.
- SAUSSURE, Ferdinand. 2006 [1906]. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix.
- SILVA, G. S. 2020. *A representação do outro na tradução intersemiótica da novela História da Sua Vida ao filme A Chegada*. Dissertação de Mestrado (Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Goiás. Catalão.

STOCZKOWSKI, Wiktor. 1999. *Des hommes, des dieux et des extraterrestres: ethnologie d'une croyance moderne*. Paris: Flammarion.

STAM, James H. 1977. "The Sapir-Whorf Hypothesis in historical perspective". *Annals of the New York Academy of Sciences*: 291(1): 306-316.

STOCKING, George. 2004. "Os pressupostos básicos da antropologia de Boas". In: F. Boas. *A formação da antropologia americana (1883-1911)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: pp. 15-38.

TORRES, H. M. F.; DAMASCENO, A. 2019. "A desfamiliarização das anacronias na narrativa do filme A Chegada". *Cambassu - Estudos em Comunicação*, 14(24): 88-99.

Recebido em 23 de fevereiro de 2022.

Aceito em 22 de setembro de 2022.

Cultura, tempo e linguagem: um ensaio sobre o filme A Chegada (2016) a partir de debates antropológicos do século XX

Resumo

O presente texto tem como principal objetivo analisar debates antropológicos do século XX sobre as noções de cultura, tempo e linguagem a partir do filme A Chegada (2016). Para isso, são mobilizados aportes variados da antropologia, sobretudo as reflexões da escola Cultura e Personalidade (com foco especial em Edward Sapir). Desta maneira, procuro construir pontes entre o filme e parte do debate antropológico sobre as categorias mencionadas. A aposta do texto consiste na percepção de que o enredo de “A Chegada” pode auxiliar na reflexão sobre temas pertinentes ao campo da antropologia, e esta, por sua vez, permite uma compreensão um pouco mais “imersiva” dos desdobramentos da trama.

Palavras-chave: Linguagem; Cultura; Alienígena.

Culture, time and language: an essay on the movie Arrival (2016) from 20th century anthropological debates

Abstract

This paper aims to analyze anthropological debates of the twentieth century on the notions of culture, time and language based on the movie Arrival (2016). For this, various contributions of anthropology are mobilized, especially the reflections of the Culture and Personality school (with special focus on Edward Sapir). In this way, I try to build bridges between the film and part of the anthropological debate about the mentioned categories. The objective of the text consists in the perception that the plot of “The Arrival” can help in the reflection on themes pertinent to the field of anthropology, and this, in turn, allows a more “immersive” understanding of the plot’s unfoldings.

Keywords: Language; Culture; Alien.